

ITINERÁRIOS NEGROS EM PELOTAS: UM OLHAR SOBRE A PRAÇA CORONEL PEDRO OSÓRIO

MARINA DA CRUZ LEAL¹; DALILA ROSA HALLAL³

¹Universidade Federal de Pelotas – marinalealh@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – dalilahallal@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte do projeto unificado “Turismo, Lazer e Museus: diálogos possíveis”, realizado pelo Curso de Bacharelado em Turismo e pelo Curso de Museologia da Universidade Federal de Pelotas. Uma das ações propostas é a elaboração de “Itinerários Negros em Pelotas”. Os itinerários serão pautados pela participação do povo negro na constituição da cidade de Pelotas, evidenciando a presença, memória, o protagonismo social e cultural dos africanos e descendentes no Centro Histórico da cidade.

Essa ação surge a partir da constatação da invisibilidade da contribuição da comunidade afro nas narrativas sobre a cidade. Pela perspectiva da narrativa turística sobre Pelotas, a participação da comunidade negra local é excluída, e não há representatividade no patrimônio cultural, resultando no apagamento desta parcela da população. Segundo D’ALESSIO (2012, p. 79), a concepção contemporânea de patrimônio “está ligada ao impulso de preservação de bens materiais e imateriais que emerge do social. É uma forma de relação com o passado, um sentimento que revela o desejo de eternizar traços e marcas dos grupos humanos [...]”. Essa perspectiva destaca não apenas como a valorização do patrimônio enriquece a experiência turística, mas também como a falta de representatividade do patrimônio cultural reflete um desprezo pela história dos grupos que compõem a sociedade. Isso evidencia a necessidade de reconhecimento da comunidade afro em Pelotas.

Os itinerários incluem espaços marcantes para a etnia negra do ponto de vista da memória, identidade e cidadania, destacando a presença ancestral da população negra em Pelotas. Paralelamente, realizamos um diálogo com a comunidade negra, no qual os participantes são convidados a ver a história de novas formas, refletir sobre suas experiências e compartilhar narrativas, tornando os percursos uma construção coletiva.

Como objetivo, o projeto e o presente trabalho buscam incentivar a releitura de Pelotas como um espaço de luta, modo de vida e preservação como afirmação de práticas sociais da cultura negra. Além disso, procura visibilizar e valorizar a comunidade afro, destacando a presença histórica e cultural dos negros, transmitir suas memórias e permitir um olhar crítico sobre a narrativa turística da cidade, bem como sobre o patrimônio cultural imaterial e material afro-brasileiro.

Pelotas deve ser reconhecida, entre outros aspectos, pela relevante presença negra, desde sua formação até os dias atuais. Nessa perspectiva, este trabalho pretende refletir sobre a praça Coronel Pedro Osório como um marco do itinerário Percurso Negro em Pelotas. Além disso, visa tematizar a presença do negro na praça, sua importância e o legado da população negra de matriz africana.

2. METODOLOGIA

A metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica, que envolveu a leitura e análise de artigos científicos, dissertações e teses relevantes para o tema. Essa abordagem foi escolhida pela necessidade de compilar e analisar os conhecimentos existentes sobre o assunto, permitindo uma compreensão abrangente do espaço da praça Coronel Pedro Osório. Os trabalhos selecionados forneceram uma base sólida para a construção da fundamentação teórica, abordando diversas perspectivas sobre a história, presença e contribuição da comunidade negra em relação à praça.

Com isso, iniciamos a constituição dos itinerários com o desafio de reposicionar a história, reler a própria historiografia a partir de outras narrativas e discursividades, visando garantir a visibilidade e o reconhecimento da presença negra na cidade de Pelotas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O percurso dos "Itinerários Negros em Pelotas", em processo de execução, evoca a presença, a memória, o protagonismo social e cultural dos africanos e descendentes no Centro Histórico da cidade de Pelotas. cuja pesquisa histórico-antropológica indicou os lugares vivenciados pelos negros. Nesta etapa do processo, a praça Coronel Pedro Osório como um espaço importante, identificado a partir do material bibliográfico existente.

A praça Coronel Pedro Osório, localizada no Centro Histórico de Pelotas carrega consigo uma história que vai além de seu âmbito físico. Na verdade, não apenas uma, mas várias memórias do passado, algumas mais conhecidas, outras desconhecidas e ainda, as "esquecidas". O termo esquecimento, nesse contexto, representa a tentativa de silenciar o passado de um povo que sofreu profundamente, mas que esteve e continua presente em todos os espaços, tanto de Pelotas quanto do Brasil. Os prédios históricos, que são patrimônios da cidade, são associados a grandes charqueadores, mas foram construídos por africanos, negros e escravizados. Suas histórias, pouco reconhecidas, não farão parte da memória da população enquanto não houver um reconhecimento adequado de seus esforços como principais atores na construção da cidade.

Partindo dessa reflexão, foi possível encontrar e relembrar diversas narrativas envolvendo o povo negro e escravizado que tiveram como palco a praça Coronel Pedro Osório. O espaço da praça passou por várias mudanças de nome ao longo do tempo. O que antes era considerado um campo, primeiramente foi dado o nome de praça da Regeneração, depois ficou conhecida por Dom Pedro II, República e, finalmente, praça Coronel Pedro Osório (GUTIERREZ, 1999).

Um aspecto pouco comentado sobre a cidade e sobre a atual praça Coronel Pedro Osório (antiga praça da Regeneração) é que esse espaço uma vez foi local de compra e venda de escravizados. Além disso, em 7 de abril de 1832, foi erguido um pelourinho em seu centro, onde hoje se encontra o chafariz "Fonte das Nereidas". O termo pelourinho, de acordo com Lima (2008, p. 74), "era utilizado para nomear uma coluna de madeira ou pedra erguida em praça pública para castigar criminosos [...]". Esse objeto era frequentemente colocado em locais públicos para expor e punir infratores por meio da violência, amarrando-os e açoitando-os. Os pelourinhos simbolizavam o poder da autonomia administrativa, e essa prática tinha o objetivo de servir como exemplo, alertando sobre as consequências para quem desobedecesse às normas, gerando medo. Infelizmente, esse objeto está fortemente associado aos negros escravizados, que eram as principais vítimas

expostas nessas condições cruéis. Em junho de 1873, o pelourinho da praça foi substituído pelo chafariz.

Já em 1877, ocorreu o cercamento da então chamada praça Pedro II, que recebeu gradis de ferro, muros de alvenaria, horário de funcionamento e um código de vestimenta. Esse feito pode ser interpretado de duas maneiras: por um lado, assegurava tranquilidade e proteção aos frequentadores; por outro, reforçava ainda mais a exclusão das minorias, principalmente dos negros e escravizados.

Ainda no ano de 1877, foi noticiado o início do ajardinamento realizado pelo francês Achilles Beauvallet, um floricultor negro aclamado em diversas exposições de seu país (ROSENTHAL; SANTOS, 2013 *apud* CORREIO MERCANTIL, 1877). Achilles trabalhava na chácara de Aníbal Antunes Maciel (atualmente Museu da Baronesa) e seguiu a estética francesa em seus trabalhos na cidade.

Chegando nos últimos anos do regime escravo em Pelotas, começaram a surgir as organizações e associações beneficentes/abolicionistas negras. A função destes grupos, como a associação Feliz Esperança (1878), estava vinculada justamente à libertação e à inserção dos negros na sociedade. A partir desse contexto, surgem os clubes carnavalescos, um dos principais elementos do maior evento da cidade: o Carnaval. Além de levar belos desfiles às ruas, com blocos, cordões e carros, os clubes negros também ofereciam atividades sociais e culturais, concursos e a busca de empregos e de qualificação profissional. Em outros estados, era comum haver a segregação de locais para realização dos festejos, mas, em Pelotas, tanto o carnaval popular quanto o da elite se apresentavam no mesmo espaço, no entanto, ocupando dias e lados diferentes da praça Coronel Pedro Osório, um dos locais utilizados para o evento (LONER; GILL, 2009). O autor Barreto (2011, p. 234) também aponta que os desfiles não tinham um trajeto fixo, mas sempre incluíam as ruas do centro, especialmente a rua Quinze de Novembro, entre a rua Gal. Neto e a praça Coronel Pedro Osório. Além disso, Barreto comenta que tanto esse trecho quanto o entorno da praça “era o espaço por excelência do carnaval pelotense até o início dos anos 1980”.

Como exemplo das principais associações recreativas que aceitavam negros destacam-se: Recreio dos Operários, S. B. Satélites do Progresso (1891), o clube carnavalesco Flores do Paraíso (1898), S. R. Quadro da Aliança (1902) e, um pouco mais tarde, o Grêmio Recreativo de Junho, que existiu pelo menos até 1929. Entre os clubes considerados da nova geração, estão: Depois da Chuva (ou clube dos “cisqueiros”) que nasceu em 1917 e já em 1929 estava inaugurando sua sede; Quem Ri de nós tem Paixão (1921-1940); Chove não molha (1919), posteriormente chamado de Grupo Carnavalesco Chove não Molha; Fica Aí para ir Dizendo (1921), associado à elite negra e ainda em atividade; e Está Tudo Certo (1931), ligado ao jornal A Alvorada, o mais longo da imprensa negra brasileira. Todos esses clubes representavam a população negra de Pelotas.

Nos anos 30, os cordões carnavalescos negros dominaram as ruas de Pelotas, mas enfrentaram uma crise e algumas hostilidades. No final dos anos 40, a expansão do modelo de escolas de samba prevaleceu sobre os cordões carnavalescos (LONER; GILL, 2009). Então, entre as décadas de 60 e 80, o Carnaval chegou ao seu auge, sendo considerado o terceiro maior do Brasil. A partir dos anos 90, a celebração passou a ser realizada em outros pontos da cidade.

Atualmente, a praça Coronel Pedro Osório é um espaço público de lazer para a população de Pelotas e um dos principais atrativos turísticos da cidade. O local recebe eventos anuais, como o Dia do Patrimônio, que celebra a cultura do município por meio de seus patrimônios e oferece uma ampla programação de

atividades, palestras e oficinas nos espaços patrimoniais. Essa iniciativa destaca a diversidade cultural da cidade, incluindo atividades ligadas à cultura africana, como a Oficina de Dança de Matriz Africana, realizada em 2024 com a Companhia de Dança Afro Daniel Amaro, que se dedica a promover atividades e eventos culturais relacionados à cultura afro-brasileira. Além disso, também ocorrem outros eventos esporádicos, como oficinas, feiras e atividades relacionadas à arte e cultura.

4. CONCLUSÕES

A partir dos resultados apresentados, conclui-se que, na busca de ressignificar as narrativas sobre Pelotas – percorre-se a cidade, numa perspectiva de observação e contato com a realidade do outro. A leitura da cidade que se quer transmitir é aquela que permite ao cidadão ver, através da cidade do presente, os espaços do passado e de suas práticas sociais.

A realização do percurso na praça Coronel Pedro Osório pode ser vista como um deslocamento, tanto físico quanto simbólico, pelos e para os territórios negros. Enquanto nos movemos pelo espaço físico, também saímos de nossa zona de conforto para explorar o significado desses lugares. Além disso, há um deslocamento temporal, pois muitos desses territórios nos conectam ao passado. Ao destacar esses espaços, reconhecemos vozes historicamente silenciadas e revelamos marcas apagadas da história.

Assim, a construção destes itinerários negros implica uma releitura do espaço urbano da cidade de Pelotas sob uma ótica inclusiva e diversa, inserindo outros grupos na narrativa desses espaços. Espera-se que a iniciativa do projeto Itinerários Negros em Pelotas contribua para a ampliação e aprofundamento do conhecimento sobre a memória e a cultura afrodescendente na cidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, A. A elite em festa: a comemoração do Carnaval de Pelotas na década de 1910. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 37, p. 232-249, 2011.

D'ALESSIO, M. M. Metamorfoses do patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 34, p. 79-89, 2012.

GUTIERREZ, E. J. B. **Barro e Sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888)**. 1999. Tese (Doutorado em História) - Curso de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

LIMA, J. A. S. Um estudo toponímico do Pelourinho. **Revele: Revista Virtual dos Estudantes de Letras**, Minas Gerais, v. 1, p. 73-84, 2008.

LONER, B. A.; GILL, L.A. Clubes carnavalescos negros na cidade de Pelotas. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 145-162, 2009.

ROSENTHAL, M. D.; SANTOS, C. A. A. Jardins públicos e privados de Pelotas nos fins do século XIX e início do XX. **Seminário de História da Arte - UFPel**, Pelotas, n.3, p.1-13, 2013.